



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SECÃO II

ANO XVI — Nº 32

CAPITAL FEDERAL

SÁBADO, 11 DE MARÇO DE 1931

MESA

Presidente: João Goulart (Vice-Presidente da República).
Vice-Presidente: Senador Filinto Müller.
1º Secretário: Senador Cunha Mello.
2º Secretário: Senador Freitas Cavalcanti.
3º Secretário: Senador Gilberto Marinho.
4º Secretário: Senador Novaes Filho.
1º Suplente: Senador Mathias Olympio.
2º Suplente: Senador Heribaldo Vieira.

LÍDERES E VICE-LÍDERES

Da Maioria

Líder — Moura Andrade (P.S.D.)
Vice-Líderes
Victorino Freire (P.S.D.)
Lima Teixeira (P.L.B.)
Lobão da Silveira (P.S.D.)
Paulo Fender (P.L.B.)

Da Minoria

Líder: João Villasboas (UDN).
Vice-Líderes:
Rui Palmeira (UDN)
Afonso Arinos (UDN).
Daniel Krieger (UDN).

Dos Partidos

DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

Líder: Benedito Valladares
Vice-líder: Gaspar Veloso.

DO PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

Líder: Argemiro de Figueiredo
Vice-líderes: Vivaldo Lima — Saulo Ramos e Arlindo Rodrigues.

DA UNIAO DEMOCRATICA NACIONAL

Líder: João Villasboas.
Vice-Líder: Rui Palmeira.

DO PARTIDO LIBERTADOR

Vice-Líder: Novaes Filho.
DO PARTIDO REPUBLICANO
Líder: Atílio Vivacqua.
Vice-Líder: Mendonça Clark.

SENADO FEDERAL

DO PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

Líder: Jorge Maynard.

Comissões Permanentes

Comissão Diretora

Filinto Müller — Presidente
Cunha Mello
Freitas Cavalcanti
Gilberto Marinho
Novaes Filho
Mathias Olympio
Heribaldo Vieira.

Secretário: Evandro Mendes Vianna
Diretor Geral, substituto.

Comissão de Constituição e Justiça

TITULARES

Lourival Fontes — Presidente
Daniel Krieger — Vice-Presidente
Menezes Pimentel
Silvestre Pericles
Jefferson de Aguiar
Ruy Carneiro
Caetano de Castro
Argemiro de Figueiredo
Rui Palmeira
Milton Campos
Atílio Vivacqua

PSD: SUPLENTE

1º Gaspar Veloso
2º Jarbas Maranhão
3º Francisco Gallotti
4º Ari Viana

PTB:

1º Mourão Vieira
2º Barros Carvalho
3º Lima Teixeira

UDN:

1º Afonso Arinos
2º João Arruda
3º João Villasboas

Secretaria: Maria do Carmo Rondon
Ribeiro Soraiya, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras, às 16,30 horas.

Comissão de Economia

TITULARES

Ari Viana — Presidente
Fernandes Lavoura — Vice-Presidente
Aloísio Guimarães
Lobão da Silveira
Lima Teixeira
Leônidas Melo
Guido Monheim
João Parente
Sergio Marinho

SUPLENTE

PSD:

1º Eugênio Barros
2º Jefferson de Aguiar
3º Mendonça Clark (de PR)

PTB:

1º Arlindo de Figueiredo
2º Fausto Cabral
3º Nelson Maculan (*)

UDN:

1º Reginaldo Fernandes
2º Fernando Correa
3º Irineu Bornhausen

Secretaria: Romilda Duarte, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quintas-feiras, às 16,30 horas.

Comissão de Educação e Cultura

TITULARES

Padre Calazans — Vice-Presidente
Jarbas Maranhão
Barros Carvalho — Presidente (illegible)
Paulo Fernandes (censurado)
Saulo Ramos
Reginaldo Fernandes
Mem de Sá

SUPLENTE

PSD:
1º Lobão da Silveira
2º Sebastião Archer

PTB:

1º Lima Teixeira
2º Leônidas Melo (*)

(*) Substituído temporariamente pelo Sr. Antonio Baltar.

(*) Substituído temporariamente pelo Sr. Antonio Baltar (6-7 60).

UDN:

1º Afonso Arinos
2º Milton Campos

PL:

Secretaria: Olza José Muniz de Melo, Oficial Legislativo.

Reuniões: Quarta-feiras, às 16 horas.

Comissão de Finanças

TITULARES

Ari Viana
Gerson Veloso — Presidente
Vivaldo Lima — Vice-Presidente
Francisco Gallotti
Victorino Freire
Vago
Jorge Maynard
Caetano de Castro
Barros Carvalho
Saulo Ramos
Fernandes Lavoura
Daniel Krieger
Irineu Bornhausen
Fernando Correa
Dix Hill Rosado
Mem de Sá

SUPLENTE

PSD:

1º Menezes Pimentel
2º Jefferson de Aguiar
3º Ruy Carneiro
4º Jarbas Maranhão
5º Eugênio Barros
6º Silvestre Pericles

PTB:

1º Nelson Maculan
2º Arlindo de Figueiredo
3º Guido Monheim
4º João Parente
5º Lima Teixeira

UDN:

1º Milton Campos
2º Padre Calazans
3º Rui Palmeira
4º Coimbra Neto
5º João Arruda

P.L:

Vago
Secretaria: Renato Chermont, Oficial Legislativo.
Reuniões: Terças-feiras, às 16 horas.

Comissão de Legislação Social

TITULARES

Lima Teixeira — Presidente
Ruy Carneiro — Vice-Presidente
Lobão da Silveira
Menezes Pimentel
Caetano de Castro
Paulo Fender
Irineu Bornhausen
João Arruda

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR-GERAL
ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
MAURO MONTEIRO

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional
BRASILIA

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 50,00
Ano	Cr\$ 96,00
Exterior	
Ano	Cr\$ 136,00

FUNCIONARIOS

Capital e Interior	
Semestre	Cr\$ 89,00
Ano	Cr\$ 76,00
Exterior	
Ano	Cr\$ 108,00

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

— O custo do número atrasado será acrescido de Cr\$ 0,20 o, por exercício decorrido, cobrar-se-ão mais Cr\$ 0,50.

Pedro Ludovico
Miguel Couto
Paulo Fender

UDN:

1º Fernandes Távora
2º Dix-Huit Rosado
Secretária: Maria de Lourdes Oliveira Rodrigues — Oficial Legislativo

SUPLENTE

PSD:

1º Antonio de Melo
2º Engenheiro Barros

PTB:

1º Vivaldo Lima
2º Saul Ramos
Reuniões: Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Segurança Nacional

TITULARES

Jefferson de Aguiar — Presidente
Oalido de Castro — Vice-Presidente
Pedro Ludovico
Jarbas Maranhão
A. Lindo Rodrigues

SUPLENTE

PSD:

1º Francisco Gallotti
2º Ruy Carneiro

PTB:

1º Saul Ramos
2º Lima

UDN:

Fernando Corrêa
Sérgio Marinho

Secretária: Maria de Carmo Rondon Ribeiro Saraiva, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Serviço Público Civil

TITULARES

Daniel Krieger — Presidente
Jarbas Maranhão — Vice-Presidente
Arl Viana
Oalido de Castro
Nelson Maculan
Joacum Parente
Mem de Sá

SUPLENTE

PSD:

1º Ruy Carneiro
2º Mendonça Clark (do PR)

PTB:

1º Leônidas Melo
2º Guido Mondim

UDN:

1º Colmeia Buena
2º Padre Calazans

PL:

Vago
Secretária: Italina Cruz Alves — Oficial Legislativo.
Reuniões: Sexta-feira, às 15 horas

Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Públicas

TITULARES

Francisco Gallotti — Presidente
Joacum Parente — Vice-Presidente
Engenheiro Barros

Nelson Maculan
Colmeia Buena

SUPLENTE

PSD:

1º Ari Viana
2º Vitorino Freire

PTB:

Barros Carvalho

UDN:

1º Sérgio Marinho
2º João Arruda

Secretária: Julietta Ribeiro dos Santos, Oficial Legislativo.
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

ATA DA SESSÃO PREPARATÓRIA DA 3ª SESSÃO LEGISLATIVA EXTRAORDINÁRIA, DA 4ª LEGISLATURA, EM 10 DE MARÇO DE 1961

PRESIDENCIA DO SR. FELINTTO MULLER

As 14 horas e 30 minutos acham-se presentes os Srs. Senadores:

Mourão Vieira — Cunha Mello — Vivaldo Lima — Paulo Fender — Zacharias de Assumpção — Lobão da Silveira — Vitorino Freire — Sebastião Archer — Engenheiro Barros — Mendonça Clark — Mathias Olympio — Joaquim Parente — Fausto Cabral — Fernandes Távora — Menezes Pimentel — Sérgio Marinho — Reginaldo Fernandes — Dix-Huit Rosado — João Arruda — Ruy Carneiro — Novais Filho — Jarbas Maranhão — Barros Carvalho — Freitas Cavalcanti — Ruy Palmeira — Silvestre Péricles — Lourival Fontes — Jorge Maynard — Heribaldo Vieira — Ovidio Teixeira — Lima Teixeira — Del-Caro — Ary Vianna — Jefferson de Aguiar — Paulo Fernandes — Arlindo Rodrigues — Oalido de Castro — Gilberto Marinho — Venâncio Igreja — Benedito Valadares — Nogueira da Gama — Milton Campos — Moura Andrade — Lino de Mattos — Padre Calazans — Colmeia Buena — João Villasboas — Filinto Muller — Lopes da Costa — Alô Guimarães — Gaspar Velloso — Nelson Maculan — Francisco Gallotti — Saulo Ramos — Irineu Bornhausen — Daniel Krieger — Mem de Sá — Guido Mondim — (58).

O SR. PRESIDENTE:

A lista de presença acusa o comparecimento de 58 Srs. Senadores. — Havendo número legal está aberta a sessão.

Não há ata a ser lida.
Vai se proceder a leitura do expediente.

O Sr. Cunha Mello 1º Secretário, lê as seguintes comunicações: Brasília, 9 de março de 1961
Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal

Comunico a Vossa Excelência que regimentais que, tendo me filiado à União Democrática Nacional, Seção do Amazonas, de cujo Diretório fui eleito Vice-Presidente, passo, em consequência, a integrar no Senado a Bancada daquele Partido. — Senador Mourão Vieira

Brasília, 9 de março de 1961

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal.
Comunico a V. Exa. para os efeitos regimentais que, tendo me filiado à União Democrática Nacional, Seção do Pará, passo, em consequência, a integrar no Senado a Bancada daquele Partido. — Senador Zacharias de Assumpção.

Brasília, 9 de março de 1961

SUPLENTE

1º Ari Viana
2º Francisco Gallotti
3º Sebastião Archer

PTB:

1º Miguel Couto
2º Lourival Fontes
3º Vivaldo Lima
4º Dix-Huit Rosado
5º Padre Calazans

Secretário: José Soares de Oliveira Filho, Oficial Legislativo

Comissão de Redação

TITULARES

Argemiro de Figueiredo — Presidente
Sebastião Archer — Vice-Presidente
Arl Viana

UDN:

Afonso Arinos
Padre Calazans
Fausto Cabral

SUPLENTE

PSD:

1º Menezes Pimentel
2º Ruy Carneiro

PTB:

Lourival Fontes

UDN:

1º Daniel Krieger
2º Joaquim Parente

Secretária: Vera de Alvarenga Matra, Oficial Legislativo.

Reuniões: Terças-feiras, às 15 horas.

Comissão de Relações Exteriores

TITULARES

Afonso Arinos — Presidente
Benedito Valadares — Vice-Presidente
Gaspar Velloso
Paulo Fernandes
Lourival Fontes
Miguel Couto
Vivaldo Lima
Ruy Palmeira
Mem de Sá

SUPLENTE

PSD:

1º Menezes Pimentel
2º Jefferson de Aguiar

PTB:

1º Argemiro de Figueiredo
2º Fausto Cabral

UDN:

1º Milton Campos
2º João Arruda

Secretário: João Batista Castejon

PL:

Brasília, 9 de março de 1961
Reuniões: Quartas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Saúde Pública

TITULARES

Reginaldo Fernandes — Presidente
Alô Guimarães — Vice-Presidente

O SR. COIMBRA BUENO — Surpreende-me esta declaração de V. Ex.^a, ao término dos entendimentos havidos nestes últimos dias, em torno da composição da Mesa, gostaria de ficar convencido de que, na hipótese da UDN ter alcançado, como muitos de nós estávamos certos, maior contingente, se realmente seria mantido o critério de apontar o Vice-Presidente, como vem acontecendo há dez anos com o Partido que vem satisfazendo este requisito. Deixo o

Assunto a cargo da consciência e do de cada um dos presentes.

Não é por impaciência, Sr. Presidente, mas por fidelidade aos princípios que alicerçam o regime democrático que lembro outro critério proposto nesta Casa, e que ultimamente tem sido posto de lado. É o da renovação, isto é, rodízio na direção do Senado.

Tenho-me, sistematicamente, batido por esse rodízio, que a meu ver deveria constar explicitamente do Regimento da Casa porque é da essência da Democracia a renovação dos poderes executivos. O executivo do Senado e da Câmara dos Deputados precisam e devem ser renovados.

Não é justo conservarmos alguns colegas nos postos de sacrifício, cumulado-os de ónus, não dando oportunidades a outros, de também contribuírem com sua quota de sacrifício, de idéias e entusiasmos pela nossa Casa.

O Senado deve ser um modelo de funcionamento do Regime; assim o seu exemplo deve inspirar outras Assembleias mesmo Executivos Federais, Estaduais e Municipais.

Minhas palavras — nas quais insisto cada vez, que o rodízio, salutar para o regime, para esta Casa e para os Senhores, é desrespeitado, — não podem ter sentido pessoal, isto é, de desdouro para quem quer que seja.

Acredito na nossa evolução, e espero que um dia, não remoto, esta Casa passe a renovar eus dirigentes — da mesma forma que pontifica e legisla para o Executivo, quando este tenta perpetuar-se no Poder. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE:

A Mesa suspende os trabalhos por cinco minutos para que os Srs. Senadores possam munir-se das cédulas para a votação.

(A Sessão é suspensa por cinco minutos às 15,04 horas).

O SR. PRESIDENTE:

Está aberta a sessão — Vai se proceder à chamada para votação, a qual será feita de Sul para Norte.

(Procede-se à chamada).

Respondem à chamada e votam os Srs. Senadores:

Mourão Vieira — Cunha Mello — Vivaldo Lima — Paulo Fender — Zacharias de Assumpção — Lobão da Silveira — Victorino Freire — Sebastião Archer — Eugênio Barros — Mendonça Clark — Mathias Olympio — Joaquim Parente — Fausto Cabral — Fernandes Távora — Menezes Pimentel — Sérgio Marinho — Reginaldo Fernandes — Dis-Huit Rosado — João Amado — Ruy Carneiro — Nobres Filho — Jarbas Maranhão — Barros Carvalho — Freitas Cavalcanti — Ruy Palmeira — Silvestre Péricles — Lourival Fontes — Jorge Maynard — Heriberto Vieira — Otávio Teixeira — Lima Teixeira — Del Caro — Ary Viana — Jefferson de Amorim — Paulo Fernandes — Arlindo Rodrigues — Caiado de Castro — Gilberto Marinho — Venâncio Igreja — Ezequiel Valadães — Nogueira da Gama — Milton Camargo — Moura Andrade — Lindo de Mattos — Padre Calazans — Coimbra Bueno — João Villasboas — Filinto Müller — Lopes da Costa — Alô Guimarães — Gaspar Velloso — Nelson Maculan — Francisco Gallotti — Saulo Ramos — Irineu Bornhausen — Daniel Krieger — Mem de Sá — Guido Mondin.

O SR. PRESIDENTE:

Responderam à chamada 58 Srs. Senadores. (Pausa).

Vai se proceder à apuração. (Pausa).

Convido para servirem de escrutinadores os Srs. Senadores: Rui Palmeira e Lima Teixeira.

(Procede-se à apuração)

O SR. PRESIDENTE:

Foram encontradas na urna 58 sufrágios certos, número que coincide com o de votantes. (Pausa).

(Vai se proceder à contagem). (Pausa).

O SR. PRESIDENTE:

Está concluída a apuração que com o seguinte resultado:

Para Vice-Presidente:

Senador Moura Andrade — 30 votos.

Senador João Villasboas — 27 votos.

Em branco — 1 voto.

Está eleito Vice-Presidente do Senado o nobre Senador Moura Andrade. (Palmas).

Convido S. Exa. a assumir a Presidência da Casa.

Toma assento à Mesa e assume a Presidência do Senado o Senador Moura Andrade.

O SR. VICTORINO FREIRE:

Sr. Presidente, peço a palavra para declaração de voto.

O SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Senador Victorino Freire, para declaração de voto.

O SR. VICTORINO FREIRE:

(Para declaração de voto) — (Não foi revisto pelo orador) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, a minha honra pessoal eu a coloco sempre acima das contingências partidárias. Sou, porém, um ordox do meu Partido.

Quero declarar, neste momento, que a Bancada do Maranhão votou, segura e tranquilamente, no candidato do Partido Social Democrático, embora sempre se tivesse batido para que fosse respeitada a praxe há anos seguida pelo Senado. A praxe, ao meu ver, é lei consuetudinária.

Faço esta declaração porque o meu Partido, com seus aliados, foi vitorioso. Derrotado, talvez eu não a fizesse.

Quero, neste instante, Sr. Presidente, prestar homenagem de respeito, acatamento e amizade ao nobre Senador João Villasboas. (Muito bem! Palmas prolongadas).

O Sr. João Villasboas — Muito obrigado a V. Exa.

O SR. VICTORINO FREIRE:

Duas vezes fui eleito por este sistema e numa delas o Sr. João Villasboas encaminhou a votação. Devo-lhe, Sr. Presidente, estas palavras de homenagem, de amizade, de acatamento e de respeito. Mas o Senado e a Nação sabem: sou, muitas vezes, contra a vontade, um homem de Partido. Minha bancada obedece à decisão da Maioria.

Era a declaração que queria fazer, em nome dos meus companheiros da bancada do Maranhão. (Muito bem! Palmas).

O SR. PRESIDENTE:

Srs. Senadores, assumo a Vice-Presidência do Senado Federal com plena consciência das responsabilidades deste alto posto, principalmente, na hora presente.

Durante o Governo anterior, a Câmara dos Deputados tinha alto relevo no sistema do Parlamento Brasileiro. E isso porque o Governo do Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira se caracterizou pelo esforço no campo do desenvolvimento econômico nacional. E as proposições tinham, todas elas, por força constitucional, — seja nos projetos, seja no Orçamento — seu início e seu fim na Câmara dos Deputados.

O atual Governo, presidido pelo eminente Sr. Jânio Quadros, já anunciou a tônica de sua atividade. Ela reside, principalmente, no terreno internacional. E então, nesta hora, adquiro relevo constitucional o Senado da República, porque na condução

dos fatos internacionais, da política internacional do Brasil, nós, os componentes desta Casa, temos responsabilidades e atribuições específicas que precisam ser usadas na sua amplitude em benefício do nosso País.

Embora a iniciativa constitucional do aprofundamento das relações com países estrangeiros seja privativa do Sr. Presidente da República, estes atos, entretanto, se complementam, através de tratados, de convênios, de métodos de vida internacional do Brasil, que são objeto do Parlamento, particularmente do Senado Federal, e especificamente o órgão de embaixadores que devem representar o País nessas missões.

Aqui, em esmero, apoiado na cordão dos Srs. Senadores, poderemos, portanto, que estiver no campo da competência da Vice-Presidência do Senado Federal, o impulso indispensável para que este Senado se projete na execução das suas responsabilidades constitucionais, no uso da sua independência; se profete cada dia mais, em face não apenas da nossa Nação mas também das outras Nações e, finalmente, nossa parcela de esforço para a composição do Direito Internacional, levando nossa contribuição ao máximo das nossas forças, dentro da nossa capacidade.

Quero, neste instante, agradecer as palavras do nobre Senador Daniel Krieger, quando S. Exa. para uma declaração em nome de sua Bancada, explicou que o ponto de vista em que ela se alicerça, era político, ligado aos princípios de representação federativa neste Senado. Em resposta, desejo dizer a S. Exa. que pode estar certo de que o exercício desta Presidência, será feito no bem e do Brasil, em nome da Federação, para que se possa, amanhã, em qualquer instante, atribuir-se-me qualquer prerrogativa pelo meu Estado, porque, na verdade, embora meu amor, ligado pela minha terra, Srs. Senadores, acima de tudo coloco o interesse inextinguível da grande Nação brasileira, para a qual todos estamos dando a contribuição da nossa vida pública e os sentimentos cívicos que nos anima a toda hora.

Quero, neste instante, prestar homenagem, muito especial, ao nobre Senador João Villasboas, que me deu a honra imorredoura na minha vida pública: de participar de pleito em que S. Exa. foi meu adversário. Eleva a nossa vida, poderemos dizer aos nossos contemporâneos e também, aos nossos filhos, que Deus nos deu a oportunidade de podermos, ao mesmo tempo, em uma mesma geração e no mesmo instante, participar de uma luta, na qual estava presente, para valorizá-la, uma das figuras mais belas e mais legítimas de homem público — o nobre Senador João Villasboas. (Palmas).

Antes de me referir ao meu antecessor, Sr. Presidente, quero agradecer as palavras deste homem bravo, deste homem excepcional, deste homem profundamente doente que, hoje mesmo, sofreu uma intervenção cirúrgica e veio a esta Casa apresentar a solidariedade de seu voto e a sua solidariedade particular a um companheiro que estava em disputa numa eleição nesta Casa.

Quero agradecer ao Senador Victorino Freire (Palmas), agradecer não apenas suas palavras, agradecer sua atitude constante, inclusive agradecer o bem que S. Exa. fez a todos nós, quando, ao retornar ao nosso convívio, levantou-se para agradecer as palavras generosas e boas, que lhe dirigira o Senador Padre Calazans. Então, este Senado comoveu-se, sentiu-lhe a força, o valor, o quanto de indomável existe no seu coração e, ao mesmo tempo, sua abnegação, sua renúncia, sua obediência à vontade de Deus. Todo Poderoso, recebendo os fatos da sua vida como se eles fossem realmente aqueles que estiveram

seem marcados pela Providência Divina.

Agradecemos a S. Exa. por todas essas demonstrações de valor, demonstrações que construíram na consciência dos homens uma maneira de viver e servem de exemplo aos outros para que também aprendam a viver dentro das dificuldades e aceitando todos os percalços, em todas as horas, com resignação e, acima de tudo, com o valor humano.

Finalmente, Sr. Presidente e Srs. Senadores, desejo dizer a V. Excelências que estou plenamente consciente das dificuldades que terei no exercício deste cargo, especialmente substituindo como estou uma das mais altas figuras do Senado, que por tantas vezes presidiu este Senado, pela unanimidade da vontade dos seus Membros, o nobre Senador Filinto Müller. (Palmas prolongadas). Sua Excelência deixa o traço da sua passagem marcado por gestos brilhantes e de dignidade ímpar. Procurarei pautar-me no exemplo de Sua Excelência. Só peço aos Srs. Senadores que confiem na Vice-Presidência, que, cessadas as lutas eleitorais, nestas urnas que acabaram de ser apuradas, possamos retornar para uma atividade construtiva, em favor da nossa Pátria.

A hora é de construção; a hora é de trabalho para a construção; a hora não é de demolir; a hora é de fazer pelo Brasil!

Nesse propósito, assumo a Vice-Presidência, agradecendo aos Senhores Senadores.

Nada mais havendo que tratar vou encerrar a sessão, marcando para amanhã, à mesma hora, a segunda sessão preparatória, na qual se deverá processar a eleição dos demais componentes da Mesa. (Pausa)

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 15h45m)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. SENADOR PADRE CALAZANS NA SESSÃO DE 8 DE MARÇO DO CORRENTE, QUE SERIA PUBLICADA POSTERIORMENTE.

O SR. PADRE CALAZANS: —

Sr. Presidente, nobres Senhores Senadores, acredito, que interpreto o pensamento unânime desta Casa, ao afirmar que uma grande satisfação, que uma grande alegria nos invade ao vermos retornar ao nosso convívio, com aquele mesmo espírito que tanto lhe marca a personalidade, alegre, cheio de firmeza cristã o eminente Senador Victorino Freire, restabelecido da enfermidade que um acidente lhe causara. Ele nos oferece com a paciência e a resignação com que suportou tão dura, provação, uma lição de fé, de coragem.

Agradecemos também nós a Deus a graça, de o termos novamente entre nós e a sua presença é motivo para todos nós, de profunda e fraternal alegria.

Sr. Presidente, nobres Srs. Senadores, há um verso, uma palavra nas Sagradas Escrituras a qual se refere o Divino Mestre e cuja sentença é esta: "O Sentinela, o que há dentro da noite?" Esta é a pergunta que todos nós dirigimos aos guardas e sentinelas das esperanças democráticas, dentro da noite do mundo moderno. O que há pela noite?

Srs. Senadores, há quarenta dias quase, governa o País o eminente Presidente da República Dr. Jânio da Silva Quadros, homem que fez rápida carreira política, e que no Governo do Estado de São Paulo, soube tão bem erguer-lhe o nome recuperando suas finanças, estabelecendo a ordem econômica, assistindo aos Municípios, moralizando a administração, de tal forma que o seu nome e o seu trabalho se impuseram à confiança de toda a Nação. O povo brasileiro, com um sufrágio inédito, até então, na História Política e Cívica do Brasil,

confiou-lhe a sua mais alta curul, a sua mais elevada magistratura.

Nesses quarenta dias, sua ação tem resultado fecunda, positiva, cheia de patriotismo, com alto espírito de acerto, com firme sentido cristão fiel à formação da sua juventude. É o que temos visto em quase todas as suas providências, nos diversos setores da administração, no trato com a coisa pública e tenho firme convicção, segura confiança e não menos segura esperança. Sr. Presidente e nobres Senhores Senadores, que daqui a cinco anos, S. Ex.^a passará o destino desta República à mão daquele que a Nação escolher, entregando-a recuperada, moralizada, resabida e fortalecida, na sua ordem financeira e econômica, no seu progresso e na vivência de uma tranqüila e verdadeira paz social.

Não obstante, Sr. Presidente, trava-se dentro do País — digamos assim — uma polémica entre eminentes políticos das duas Casas do Congresso dos Parlatamentos Estaduais; entre dignos cidadãos responsáveis pela direção de tantos organismos que encontra forte eco na imprensa brasileira e até estrangeira, diálogo que se estende para além dos muros de nossas escolas, que continua dentro de nossos lares, na rua, nos cafés que há uns poucos exalta e a outros preocupa. Trata-se, Sr. Presidente, e nobres Srs. Senadores do reatamento das relações diplomáticas com as Nações que, vivem atrás da "Cortina de Ferro". Trata-se também da visita ao Brasil do Títtere que pela força dominou o povo iugoslavo, que profunda surpresa e não menos profunda tristeza vem causando aos verdadeiros católicos do Brasil.

A impressão não é só minha, Sr. Presidente, porque também a tenho ouvido de centenas de amigos e a tenho tomado na própria imprensa. Lerei para que conste dos Anais desta Casa, comentário de um dos jornais de São Paulo, jornal oficial da Arquidiocese Paulopolitana, que não sendo político, reflete por isso mesmo a opinião fria da Igreja sobre o momento tema. Ele dirá, com mais autoridade, melhor do que eu, que pertence a uma facção política, que propugnei, por Jânio Quadros, nas últimas eleições, do histórico e da gravidade do tema "atamento ou reatamento" com os países da "Cortina de Ferro".

Ninguém negará que o problema do reatamento das relações, com os países da Cortina de Ferro empolga e põe em polémica a Nação. Convém ou não estabelecer Embaixadas Diplomáticas brasileiras nesses países?

Iniciarei com a leitura de comentário do jornal "São Paulo" a que me referi, que com feliz clareza e não menos felizes argumentos examina o problema.

(Lê)

"Quando, na extrema abertura econômica herdada da gestão do seu antecessor, o Presidente Jânio Quadros esquadriou todas as maneiras imagináveis de sobrepujarmos o mais dignamente possível a situação de bancarrota em que nos achamos (a receita, no orçamento, não cobre sequer o déficit), os comunistas, usando a técnica própria, bastante conhecida mas que ainda funciona admiravelmente, tentam a conseguir pela astúcia o que não conseguiram pelo voto: arrebatar para o seu lado a "Revolução" — que outra coisa não foi a promissora eleição do atual governo. Não conseguiram os vermelhos eleger seus candidatos à direção do país. As vésperas das eleições ainda veio o Sr. Luiz Carlos Prestes, pela imprensa, afirmar: "Jânio não ganha, mas se ganhar não leva". De tudo se valeram, na dura campanha, até mesmo, como se vê, das ameaças de uma reação pelas armas.

Agora, a tática é explorar, e habilidade não lhes falta, nossa situação de penúria extrema, de insolvência fatal,

dos benefícios mesmo internos de paridades e outros, aprovados no regime anterior para o atual pagar.

A exploração está sendo feita assim, na questão das relações comerciais com os povos da Cortina de Ferro, levando na confusão as relações diplomáticas, principal objetivo, é claro, dos vermelhos, porque significará a porta escancarada para morarem em nossa casa e aqui fazerem o que têm feito sempre onde lhes permitem entrar: instalação de cães e, em seguida, a escravidão.

De quem o interesse?

Bastaria que a medida fosse do interesse dos vermelhos para que ficássemos de sobreaviso e finalmente nos convém. Por isso mesmo, uma das convicções de que ela não nos habilita dos comunistas é fazer crer que a nós e que esse comércio, esse convívio diplomático servem. Vamos provar o contrário, destacando ao mesmo tempo duas mentiras que os adversários do Sr. Jânio Quadros levantam para indispor-lo com o povo. São elas veiculadas por jornais outrora respeitáveis, hoje dopados pelos comunistas, e que já não escondem o propósito de semear mais confusão no espírito dos leitores, usando até o truque da manchete falsa em desacordo com o texto da notícia...

Primeira mentira

É a primeira mentira: esses jornais afirmam que o Presidente Quadros mandou votar na ONU a favor da admissão da China Comunista. E sabido que o Chefe da Nação, numa iniciativa sem dúvida desagradável pelo que permite em espíritos indecisos ou malvados, deu ordens à representação do Brasil na ONU para votar a favor do exame do pedido de admissão. Isso significa que o Sr. Quadros acha que as nações devem opinar sobre o assunto em vez de sumariamente se recusarem a tomar conhecimento dele.

Quanto a aprovar ou rejeitar o pedido, já isto dependerá de outra decisão, provavelmente não apenas do Chefe da Nação mas também do Congresso Nacional e outros órgãos constitutivos que, esperemos, saberão votar a possibilidade, e o farão por dois motivos entre muitos até mais fortes. Votar a admissão da China Comunista na ONU seria pedir a expulsão da China Nacionalista do convívio com as demais Repúblicas e às quais ela sempre tem sido leal: e seria sancionar com um prêmio a política ladra e bárbara do Governo Vermelho Chinês que não é governo legítimo nos moldes democráticos que o Direito admite, governo roubado pela força e que só se mantém no poder pela força totalitária, exploradora, opressora do pobre povo chinês — atitudes ambas que até hoje o Brasil nunca aprovou nem assumiu, e que não poderá aprovar nem assumir sem total repúdio às suas tradições diplomáticas, sociais, políticas, jurídicas, espirituais, internacionais.

Segunda mentira

A segunda mentira é a da vantagem das relações comerciais com a Cortina de Ferro, que aliás já foram feitas em bases amplas inclusive com Mscou pelo Sr. Juscelino Kubitschek. Mentira que já se tornou slogan.

A verdade verdadeira é que os resultados até hoje obtidos foram tão nulos, tão calamitosos para nós, tão ridículos que se chega a ignorar que as relações existem e fala-se em alianas ou reat-las.

Existem, mas não adiantam nada. Existem mas, infelizmente, na gestão que terminou apenas para que a infiltração vermelha se fizesse a ponto de já estarem minados quase todos os órgãos da imprensa, a ponto de já não haver porta-vozes seguros para a opinião real do povo a não ser em certa porção esclarecida da imprensa católica.

Extravaza, contudo, a verdade nos cantinhos de página, para assinalar a farsa que é o comércio com Rússia e satélites.

Não se justifica mas explica-se que literatos, católicos mesmo, se deixem ofuscar pela miragem que lhes afaga o espírito liberal colocando-se mais do que imprudentemente entre inocentes úteis do comunismo.

Fale, porém e seja ouvido quem disso entende: o Comércio mesmo pelos seus legítimos representantes de classe, as Associações Comerciais do Brasil. Fale o autorizado porta-voz que é o "Jornal do Comércio".

As Associações Comerciais são unânimes em clamar não só a inutilidade das relações com os países comunistas em termos de economia e finança, como o nosso prejuízo indiscutível em termos espirituais e morais com reflexos imediatos na vida material da nação.

RESULTADO CALAMITOSO QUANDO NÃO APENAS INÚTIL

Que diz o "Jornal do Comércio" no seu editorial destacado de 23 de fevereiro corrente?

Em 1959 nosso comércio com a Hungria (iniciado a 19 de abril de 1954) traduziu-se por uma exportação de oito milhões de dólares para uma importação de ... sete. E no primeiro semestre de 1960 a exportação foi de apenas 3 milhões com uma importação de 2. Está pois enfraquecendo mau grado todo o desejo do Senhor Kubitschek de salvar sua gestão.

"De nível ainda mais baixo — continua o "Jornal do Comércio" — são os nossos negócios com a România, país com o qual celebramos ajuste interbancário a 19 de julho de 1958. Vendemos a esse país, no primeiro semestre de 1960, 767 mil dólares e compramos 228 mil.

Com a Bulgária — continua o editorial — naquele mesmo período, o comércio foi nulo.

"Quanto à União Soviética nos primeiros seis meses de 1960 a nossa exportação foi igual a ZERO e as importações totalizaram 757 mil dólares."

"O atamento fez-se a 9 de dezembro de 1959 tendo-se comemorado já o primeiro aniversário. Só prejuízos, portanto, para o Brasil.

Assim, "técnicamente", a URSS, România e Bulgária são, para o Brasil, "mercados não atingidos". Aliás aprofundando a análise, conclusões (ainda o afirma o editorial) que, mesmo levando em consideração o comércio com a Polónia e Tcheco-Eslováquia — países com os quais há maior volume de trocas — verificamos que no ano de 1956, quando se registrou o maior índice percentual, as importações brasileiras dessa área gozaram de apenas 5,4 por cento do montante total das efetuadas pelo País".

Os leitores atentos já tiraram suas conclusões também, não escusando que não se poderá contar em cruzes o prejuízo para nós decorrente da presença aqui de elementos militantes, ativos, bem pagos para minarem as mentalidades dos estudantes e operários, de professores e escritores, de artistas e políticos.

É tão fácil corromper. É tão penoso restabelecer a Verdade.

Mas o essencial, o definitivo é que o Brasil não está à venda! Nem está, pois em discussão, o preço — vil — com que nos querem comprar!

Estas são palavras de um órgão oficial da Arquidiocese de São Paulo. O comentário convida-nos realmente a pensar, sem sofreguidão, convida-nos a não empolgarmos e nem nos deixarmos nos arrastar pela excitante novidade "das coisas novas", da aventura da experiência.

Sr. Presidente, meu tema não é tanto o das relações econômicas, porque acredito que o próprio Governo se quiser, com cautela, com patriotismo e com firmeza, poderá defender o País da promoção da propaganda vermelha que pudesse advir das relações econô-

micas. Basta estar em guarda, compreendendo que depositário e guardião do sagrado depósito de uma civilização cristã. Não menos perigosas o mundo russo que hoje leva vantagem sobre o mundo ocidental em espionagem, domínio, tática, técnica, inteligência, astúcia diplomática, atividade somática e uma audaciosa agressividade, a um atrevimento que chega às raízes do desafio, e do maior respeito às normas éticas, de respeito e educação que para eles devem ser superados preconceitos burgueses.

Ainda no dia 2 de março Nikita Khrushchev, falando a operários russos, em Sverdlosky, cujo texto foi difundido dia 7 último pela rádio soviética "AURSS" e divulgado pelos jornais de ontem, de São Paulo e do Rio de Janeiro afirmava, com atrevida agressividade, audácia e pertinácia, que tal era a supremacia mundial da Rússia, em matéria de foguetes e bombas "A" e "H", necessárias para fazer desaparecer seus agressores da face da terra, que desejassem pela guerra, resolver o debate ideológico e político que opõe os dois sistemas mundiais.

Há um único governo e uma única ideologia que pela opressão que deseja o domínio do mundo, é o Russo, o comunismo. É a nação que mais se arma, e é Khrushchev que diz, que dominará o mundo com o socialismo marxista, aliás, única forma de autêntico imperialismo no mundo. Luta não pela paz, mas por uma inexistência pacífica, porque através dela encontrará o clima natural, necessário, suficiente para ministrar uma ideologia perigosa, desumana, antirristã, anti-social, e destruidora de todas as formas de Direito, de Caridade, de Verdade, de Justiça e de Liberdade. Um regime que prega a paz e põe toda a sua economia em armas de guerra e devastação, que prega a liberdade e emudece as vozes do povo, que prega a justiça e opõe o seu povo e rejeita a satélites opressos as nações vizinhas: para quê? o homem é um escravo, o povo um rebanho e o Estado um Deus. Um regime que prega o diálogo e monólogo com atrevimento e audácia sobre todos os povos e sobre todos os governos. Que se diz inimigo da burguesia e cria uma nova classe de aristocratas e poderosos que combate o capitalismo e que é a mais violenta e irrefutável forma capitalística, porque é o capitalismo estatal.

Sr. Presidente e Srs. Senadores não é preciso que lhes diga, por que o sabe a Nação inteira o que pagamos, e pagam em tributação de sacrifícios, de dignidade humana, de liberdades e dignidade nacional as pobres Nações dominadas pelo poderio monstruoso do comunismo.

Há muita gente que se impressiona com os satélites e foguetes enviados a milhares de milhas pelo mundo soviético em busca do mundo sideral: Louvo e aplaudo tais as invenções, todas aquelas conquistas humanas que alcançam um resultado que provém a inteligência, a capacidade do homem e estão a serviço da humanidade e não representam ameaças à paz e à felicidade humana.

Mes enchem-me de alegria e emoção as pesquisas e inventos que a inteligência humana, pela pesquisa e pela meditação conquistam para a paz social, para a saúde dos povos, para a alegria e felicidade da vida humana. Há mais grandeza num Pasteur, num Fleming, num Otto Cruz, do que num fogueteiro comunista que tem como ideal amedrontar para dominar o mundo. No entanto o que se deseja saber nesta luta pelo triunfo dos direitos dos homens que altura alcançou um Sputnik ou Venusik no mundo sideral; mas, ber-se, não a que altura ascer os foguetes e satélites russos em que altura de dignidade de liberdade encontrar satélites da Rússia!

O Sr. Francisco bem!

O SR. PADRE CALAZANS — Antes que o orgulho ateu dos comunistas enraizasse Satélites no mundo sideral, Deus o divino Pai no seu amor e na sua misericórdia enviou o seu divino "satélite", o seu divino Filho, para que comesse os homens a humanidade e resgatasse toda a carne humana da graça e na verdade da liberdade dos filhos de Deus. E Ele veio fundando a glória de Deus nas alturas e a paz na terra a todos os homens de boa vontade. Veio para que os homens tivessem a vida e a felicidade em abundância.

Sr. Presidente, nobres Srs. Senadores,

Em novos, poucas Nações, possuem uma história tão privilegiada pela Providência Divina como o Brasil. Podemos dizer, plagiando os sábios intérpretes das Escrituras Sagradas, que a nossa história, como a Bíblia, tem um "proto evangelho", uma "proto" história, que marca a vocação de Nação cristã. História que se inicia no promontório de Sagres nos sonhos que alimentaram a vida de um santo, o Infante Dom Henrique, esse argonauta de um novo mundo, condor solitário polido no peribasco de São Vicente, apaixonado enamorado dos mares, novo solitário das espumas e dos horizontes perdidos e misteriosos. Lá, na fé, no sonho e na audácia do santo infante, último florão das cavalarias que se findaram na Europa medieval, nasceu o Brasil, que a mesma audácia, a mesma fé e intrepidez da Escola de Sagres comunicaria aos seus navegantes que singrariam o "mare magnum" ao sopro do "Aquilão", em busca do velo de ouro pelo qual sonhara o Infante Jazão. Infante, dono da mais augusta epopeia entre os homens que excedem em grandiosidade do próprio mundo romano de Júlio César e Augusto, abrindo caminhos para as Gálias, para Ibéria e Alemanha, abrindo este último por tantas vezes as portas do Templo da Paz e oferecendo as primeiras formas do Direito.

Epopeia, que Camões cantou para a posteridade ao anunciar que as navegantes com a cruz de Cristo e os bezantes de prata, alargaram a fé e o reino, em nome de Deus e da Nação portuguesa. O seu nascimento em Porto Seguro, a ação dos missionários, a porfia e o esplendor da crença doméstica, o gigantesco trabalho dos colonizadores e bandeirantes, a ação da Igreja ontem e hoje, a paixão pela liberdade, o amor à lei, o espírito cristão de fraternidade, a incontida vocação para a paz, falam bem alto das raízes históricas e cristãs que são a tecitura da própria alma da nossa nacionalidade.

Sr. Presidente, sou contrário, e como não poderia deixar de ser à reatcação das relações com os Países da Cortina de Ferro. Uma série de razões me levam a tal: primeiro porque elas representam um perigo para a paz da Nação e encontram-se ao arripio de nossa tradição e formação cristã.

Toda a história brasileira, a sua tradição, a sua formação jurídica, a ação diplomática, dizem o contrário.

Segundo, porque temos uma lição do passado e de um passado tão próximo. Sr. Presidente, que ainda para todas as Nações homem de bom senso: Lembro-me como se pouco era um estudante das universidades da Europa, quando me como era viver-se num mundo não tão diferente de hoje.

arripio das filosofias totalitárias, então na moda, e que constituíam a base doutrinária dos regimes totalitários.

Lembro-me de Jacques Maritain, que depois de pronunciar, no Instituto Angelico de Roma, uma conferência sobre temas democráticos, foi inamado, no dia seguinte, por ordem do Governo a deixar a Itália, proibido de lá voltar. E só voltou muito mais tarde como embaixador de França junto a Santa Sé, depois do grande conflito, depois do grande ofertório de sangue que o mundo inteiro teve que realizar, para se alcançar a vitória da Democracia e da Liberdade.

Lembro-me, Sr. Presidente, da fragorosa, do jogo político, dos interesses comerciais, e outros interesses econômicos, sobrepostos à civilização e à dignidade humana levaram ao fortalecimento dos regimes totalitários e ao enfraquecimento das nações democráticas. São testemunhas destas afirmações, entre tantas obras e livros, as Enciclicas de Pio XI contra os regimes totalitários, o livro de Jules Romain "Os sete mistérios da Europa". A falta de uma atitude firme em hora oportuna, a preocupação de uma prudência pouco virtuosa em afastar o problema da guerra, acabaram levando o mundo aquele oceano de fogo e de sangue, que afogou os lares e as pátrias na dor, no luto e no desespero.

Vimos pois, Sr. Presidente, nobres Srs. Senadores, o mundo inteiro num holocausto, num ofertório de sangue, com suas cabeças cobertas de luto, com suas famílias destruídas, com as suas cidades arrasadas, com os seus bárbaros campos de concentração e com suas esperanças estioladas. Depois da paz o após-guerra. O após-guerra com as suas caravanas de "profugas" zingaros desesperançados em busca de um pedaço de chão, com o problema de uma juventude sem fé, a juventude transviada,arente de crença nos mestres e nas autoridades. Uma juventude sartrianna que já não sabe distinguir entre liberdade e licença, que parte as tábuas da lei e inverte a pirâmide da hierarquia dos valores, esquecida de que o seu grande dever na riqueza da sua hora juvenil e o "dr ar do estudo", isto é, o estudo, formando e educando a sua inteligência e o seu coração, para continuar no mundo o trabalho em favor de uma verdadeira paz, fundada no trabalho, na verdade, na justiça, no direito e na caridade.

Tão grande e pesada lição está ainda tão próxima de nós. Todos guardamos ainda na retina de nossa memória a paisagem e a lembrança daqueles dias cheios de aflição, quando não menos aflitos acompanhamos pela imprensa e pelo rádio a grande tragédia.

Ainda há poucos dias, na companhia do Governador do Estado de Guanabara, Sr. Carlos Lacerda, às vésperas da inauguração da Escola Anne Frank, assisti ao filme "O diário de Anne Frank", história de uma vida semelhante a tantas outras que os filmes registram para lembranças dos que pecam pelo poder. E lembramos que ainda hoje estão sendo julgados aqueles grandes criminosos de guerra, feraz que causariam espanto e escândalo às próprias bestas e animais se estes pudessem raciocinar, frente à barbárie por eles cometida em pleno século XX, com todas as conquistas da terra, com todas as vitórias da ciência.

Que essa lição nos sirva de exemplo, pois fomos todos espectadores desse drama, e até participantes. Entre nós, nesta Casa, encontra-se o Marechal Caiado de Castro e acredito que talvez alguém mais tenha participado dessa luta, nas frentes de guerra ou na retargua, pela

palavra, pela ação, defendendo a liberdade, a democracia e os direitos dos homens.

Quase todas as nações pagaram esse pesadíssimo tributo. Não podemos esquecer, sem diminuir quem quer que seja, a heróica missão dos Estados Unidos da América do Norte, da Inglaterra e da França entre tantos. A justiça nos obriga a esse dever, numa hora que muitos temem a eloquia certas nações, por temer a agressividade dos comunistas, que acusam de reacionários os que defendem a civilização cristã e uma autêntica ordem democrática.

O mundo bolchevista hoje "dono" da liberdade e da verdade, propugna uma paz de cemitérios, semelhante à de "Varsóvia" onde um monte de cadáveres apodrecia à luz e ao calor do sol. Essa paz não nos interessa, não desejamos essa paz de meritos, mas sim a paz fundada na verdade, na caridade, na justiça, no trabalho e na liberdade. (Muito bem!)

Tenho certeza, que o eminente Presidente João Quadros com seu espírito atilado, fortemente democrata e cristão terá presente tudo isso ao mandar prosseguir os estudos em torno do delicado problema. Pondera bem o Chefe do Governo antes de tomar uma atitude, como diz o próprio artigo, examinando detidamente o assunto, para diante da Nação resguardar a sua autoridade e o espírito democrático.

Há uma ameaça sobre o mundo, como há uma ameaça sobre a Pátria. Estas não são de hoje. É a ameaça daquilo que um escritor francês chama de virtudes enlouquecidas, que são as formas exacerbadas de patriotismo. A Nação não precisa dessas tipos de virtudes, mas sim da "virtude religiosa" do Patriotismo, como dizia Cícero, de um verdadeiro espírito de civismo.

Os nossos avós e bisavós, num mundo em que não existiam os recursos de técnica e nem o adiantado das ciências, como hoje temos, em permanentes sacrifícios no lombo das bestas e das mulas, atravessando florestas, derrubando matas, vadeando rios, plantaram cidades do Rio Grande do Sul ao extremo do Pará e da Amazônia, e não foi necessário entregar o Brasil à Nação alguma.

Não será hoje, quando o Brasil é esta imensa Nação cheia de esperanças que e que iríamos entregá-la ou comprometê-la aos Estados Unidos ou a outra Nação. Porém a Rússia, a Rússia bolchevista, a Rússia comunista, nunca! (Muito bem!)

Temos um passado, uma história, uma tradição, temos alguma coisa que é o sangue, que é vida da nossa própria vida! Mas aí estão certos literatos, como bem me dizia um jovem amigo e sacerdote francês, certos intelectuais que exploram mercado na América porque já não os têm na Europa.

Causava-lhe admiração a importância que a imprensa deu a Sartre e Simone de Beauvoir que, em seu país, já não possuíam maior significação. Tiveram de procurar outro mercado em Cuba e no Brasil.

Já é tempo de termos um pouco mais de sabedoria e de prudência. Na da mais ridículo do que um alarido espírito de novidade! É bom que não esqueçamos, que foi com a força das virtudes enlouquecidas que arrastam e apaxonomam que Hitler, sacudi toda a Alemanha, foi assim que Mussolini sacudi toda a Itália e ambos sacudiram os alicerces do mundo. Há um trecho da história do fascismo que vale lembrar, neste momento. Quando Mussolini chegou às portas de Roma e quis penetrá-las, o Marechal Badoglio desenhava a sua velha espada de general e disse ao rei: "se Vossa Majestade permitir abateirei os inimigos às portas de Roma. Derramarei sangue, sem dúvida, mas salvarei a Pátria e o povo". O rei, colecionador de moedas, fraco, temeu

aquela derrame de sangue e achou melhor que se abrissem as portas e que Mussolini entrasse.

Veio ele até a Praça de São Pedro, quis ver o Papa, Pio XI, homem de fibra invulgar, autor do 40º Ano e das encíclicas contra o nazismo, o fascismo e o comunismo, encíclicas que muitos cristãos e católicos deveriam ler. Disse, então, o Sumo Pontífice ao grande canonista Cardeal Gaspari — "V. Eminência nem poderá dizer a Mussolini que não me encontro em casa, pois sou prisioneiro no Estado do Vaticano" e apareceu. O rei enviou um embaixador para parlamentar com Mussolini, estabeleceram-se as normas de governo. Foi Mussolini ao governo como Primeiro Ministro e com ele o fascismo. Da experiência italiana nasceu a coragem e o exemplo para a Alemanha. Veio depois o eixo "Roma, Tóquio, Berlim" e depois foi necessário à nação italiana e ao povo do mundo inteiro, vertessem o seu sangue para defender e conquistar as liberdades e as formas de direito ameaçadas de sobrevivência. Não souberam defender os muros e as portas de sua cidade, tiveram com todas as nações, de defendê-la nos mares, nos desertos, nos campos, nas cidades, nas praças, nas ruas e dentro dos lares. São lições terríveis postas aos nossos olhos, no dia de hoje.

Repito, Sr. Presidente e nobres Senadores, fomos espectadores e participantes desse terrível espetáculo. Há uma polêmica perigosa, que está sendo aproveitada, segundo a técnica moderna para uma verdadeira promoção dessa monstruosa mercadoria — o comunismo. Artigos, conferências, mesas redondas, todas batendo na mesma tecla, o comunismo evoluiu, o diabo não é tão feio como se pinta. Tal embaixador, tal ministro, tal intelectual, tal livro — é muito simpático, é muito interessante, há nele uma parte boa, fulano leu, o padre tal é amigo dele, o bispo tal lhe é muito simpático. Ele ou eles estão conosco. Todos os dias ouvimos esses estribilhos:

Assim, simpaticamente, vamos sendo amolecidos em nossos princípios, pois andamos esquecidos da sentença e conselho das escrituras sagradas: "Os filhos deste século (das trevas) são mais hábeis na sua geração que os filhos da luz". (S. Luc. 16.8).

Ao signo da habilitíssima filosofia da coexistência pacífica, e de que o demônio está melhorado, vão e vêm as caravanas dos peregrinos curiosos, dos inocentes úteis, dos cripto-comunistas, dos incluídos e comunistas a visitarem as salas de visitas do bolchevismo e sofrerem o amaciamento de suas idéias ou preconceitos segundo eles. E até o vice-presidente, já eleito, por conseguinte comprometido juridicamente e politicamente com as normas vigentes do país, despressa a nossa política exterior em vigor; visita a China Comunista, onde é homenageado como hóspede oficial.

Pais, Sr. Presidente e nobres Senadores, com o qual, pelo menos ainda não mantemos relações e que nada tem para nos vender, porque não tem nem mesmo arroz suficiente para ele. Quando digo estas palavras, devo proclamar que nada tenho contra a nação chinesa, russa etc., como nação, ou contra o povo como povo, pois são nossos irmãos e tão semelhantes a nós e mercedores da nossa compaixão e da nossa caridade, segundo a expressão do apóstolo São Paulo.

Essas atitudes que acabamos de enumerar-las são atitudes suicidas. Mas nos impressões ainda mais, a falta de lógica das manifestações de certos grupos organizados e jornais, o assassinado Patrício Lumumba. Lamentamos a sua morte, e principalmente o modo por que morreu, indigna da civilização cristã e de nosso estágio de cultura. Lamento e repilo, também, o seu assassinato, como um lamento e repilo aos que ele e seu

grupo assassinaram. Porém, não li, nem ouvi, o mundo estremecer-se de protestos pela morte dos assassinados pelas facções lumbumbistas.

As verdades precisam ser ditas e ditas inteiras! Hoje tem-se medo de dizer a verdade. Alguém soube de alguma passeata, de faixas de luto na UNE, pelos nossos irmãos também, que são encostados todos os dias pelo despotismo de Cuba, pelo horrendo crime de não defenderem as suas idéias e o seu regime? Que bela democracia a do feitiço de Cuba! Onus est o defensor da vida humana? Ou ela — vida — só pode ser defendida para alguns?

O Sr. Francisco Gallotti — Muito bem!

O SR. PADRE CALAZANS — Somos um País que não tem pena de morte porque o extermínio da vida humana está fora e ao arripio de nossa formação moral, espiritual e jurídica; não aceitamos a pena de morte, a não ser em situações extremas dentro da guerra, para impedir maiores desastres e maiores sofrimentos, provocados pelos saques e abusos do poder. Não entendo a lógica de certos grupos atípicos e sua corte de inocentes úteis — Protestos contra um crime — e silêncio sobre outro totalmente idêntico.

O Sr. Francisco Gallotti — Até se aplaude!

O SR. PADRE CALAZANS — Por que não se levantou essa juventude que hoje põe pano preto diante da sua sede, quando os seus irmãos, os jovens estudantes da Hungria, eram esmagados debaixo dos dentes dos carros de assalto da Rússia comunista, porque tinham cometido o abominável crime de lutar pelo direito de amar a Deus e abrir suas Igrejas, de terem liberdade, de não serem escravos, de terem um regime de ordem democrática?

Estamos tomados da psicose do medo; temos medo de enfrentar esses problemas. Reclamamos; sim mas dentro das nossas casas, entre paredes, não temos coragem de enfrentá-los!

Temos as suas calúnias, as infâmias, a honra nem o nome, nem a imagem ameaçados que não respeitamos. Diante do crime da infâmia, clamamos para preservar o nosso bom nome; e o nosso silêncio, o nosso medo ou a nossa covardia, transforma-se no óleo para alimentar a audácia de suas paixões e estimulá-las a conquistas.

O que é o nacionalismo para muitos senão a máscara, para em nome de um pseudo patriotismo convolar nupcias com o inimigo de todas as pátrias?

Maior que os bens materiais úteis e necessários mas que são apenas o corpo da Pátria, são os bens espirituais e morais, que são a alma da Nação e sem os quais de nada vale o corpo!

Não é só, Sr. Presidente e Senhores Senadores! O mundo está dividido. De um lado os que creem em Deus e do outro os que negam; uns que acreditam nas dignidades e nobrezas humanas, — outros que negam; uns que acreditam na democracia, outros não, negam-na, creem sim nas ditaduras; e uns terroristas que servem e exploram a democracia de um lado os que creem na verdadeira paz — do outro os que exploram a paz.

Sou, Sr. Presidente, inimigo irreconciliável de todo o regime totalitário quer de direita, quer de esquerda, que escraviza os povos e as nações e são valiações de criminosos.

O Sr. Luiz Teixeira — Muito bem!

O SR. PADRE CALAZANS — Não defendo nenhuma forma de crime, mas é justo que se diga que o perigo que o comunismo representa para o mundo e para os valores temporais e eternos da pessoa humana, tornam-no um monstro, face a outros perigos e ameaças.

A coexistência pacífica é o grande caminho, é a estrada larga e calma com que o comunismo conta para a vitória do socialismo marxista.

Ai de quem estiver contra ela! Recebe os anátemas de Khrushchev e o coro de seus sequazes repetem a uma voz. Chegam até a audácia de dizerem que Cristo é comunista e que nós não temos espírito evangélico, pois somos inimigos da Paz!...

É longa a história e a porfia do Cristianismo e da Igreja em favor da Paz e da Justiça.

Nos últimos tempos Pio X, Bento XV, Pio XI, e o grande Pontífice Pio XII, foram autênticos atletas da Paz. O Vaticano, a Igreja, as nações e organizações cristãs foram as estações e os samaritanos, que recorreram os espoliados, os feridos da fúria e das loucuras dos homens.

Agora, somos inimigos da paz; os donos da paz são os pichadores de nueros, que querem para nós uma paz semelhante à da Lituânia, Estônia, Polónia, Hungria, România, Tcheco-Eslôvaquia e outras nações escravas.

Não queremos ser caudatários de "A" ou "B", e nem devemos ser. Temos altivez e civilização suficientes para sustentarmos a nossa soberania. Mas, muito menos desejamos ser caudatários da Rússia. O Brasil não nasceu com vocação para a satelidade. Foi educado nas tabuas da lei moral que Frei Henrique de Coimbra já na madrugada do nosso nascimento nos outorgou. Recebemos de Cristo e não de Marx, Lenine ou Khrushchev as tabuas da nossa formação moral.

Sei, Sr. Presidente, que o eminente Presidente Jânio Quadros, apenas ordenou o exame e o estudo do levantamento de relações com os países ditatoriais. Examina, estuda apenas. Tenho certeza que chegará à conclusão, que elas não serão nocivas.

Sei que há alegria nos círculos comunistas e nos criptocomunistas, só pelo fato do exame da matéria.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, devo também declarar que temo menos os que têm coragem de se declararem comunistas, até os respeito, do que aqueles que o são e não têm a coragem de se declararem...

O Sr. Francisco Gallotti — Os encaçados.

O SR. PADRE CALAZANS — ...falam, agem e pensam como os comunistas mas se dizem ateístas.

Foi essa a história da bolchevização da Polónia, da Hungria, România e outras nações escravas. A história se repete.

Ainda há pouco, chamava-me a atenção um sacerdote que viveu detido 17 anos na Rússia e que assistiu depois à queda de muitas dessas nações, dizia-me: — "nunca vi um clima tão semelhante ao antevéspera da queda daqueles países, como o do Brasil neste momento".

Tudo isso todos nós sabemos.

E assim eles vão ganhando terreno e se infiltrando em todos os cantos e lares e já não sabemos mais quem é quem!

Seja pois o Senado mais cauteloso nos casos que dependem de sua aprovação, não contentando-se apenas com o curriculum vitae dos candidatos. Até aqui espelho minhas convicções.

Há no entanto um fato que lamento ter que discar do meu ilustre e eminente amigo, Presidente Jânio Quadros; é no que tange ao convite feito ao titer Jugoslavo ao Marechal Tito, para visitar o Brasil. Devo aqui repetir a sentença do apóstolo São Pedro — "Non possumus non loqui" — Não podemos ficar silenciosos.

Senhores Senadores, sou um Senador por acaso, jamais pensei na minha vida vir a esta Casa, pois nunca me julguei a altura e nem encontrei em mim qualidades para tão alto e honroso ofício.

O Sr. Francisco Gallotti — Não apoiado.

O SR. PADRE CALAZANS — Mas, Sr. Presidente o povo da minha terra, em hora difícil, para a sua vida política através do meu partido foi buscar-me para representar São Paulo, e contrapor-me ao candidato ligado ao partido comunista.

Fiz tudo para não ser candidato. São testemunhas do que vos afirmo os meus companheiros da União Democrática Nacional de São Paulo.

As responsabilidades de uma instituição que assiste em benefício da família e de assistência às mães pobres e à infância desvalida impediam o meu afastamento. Ora, Sr. Presidente, que já alfabetizou mais de duas mil empregadas domésticas, que formou mais de três mil jovens para a sagrada missão do lar, numa hora em que a família é tão ameaçada pelos seus eternos inimigos, que procuram desagregá-la. Obra que é mantida pela dedicação e sacrifícios de duas centenas de famílias paulistas, que luta com duas dificuldades financeiras. Que não deve até, nos seus 14 anos de vida, favor de auxílio a nenhum governo. Aumentando assim a tarefa das senhoras que lá porfiavam, para que o seu modesto assistente pudesse sempre independência por se encontrar na oposição. A minha contínua ausência tem imposto sacrifícios a essa instituição. Mas assim agi, aceitando disputar a senadaria por São Paulo, numa campanha árdua, minúscula de recursos financeiros, cheia de sacrifícios, onde não faltaram a infância e a calúnia para impedir que São Paulo a terra que Anchieta e Nóbrega, plantaram fosse representada pelas forças e esportivas comunistas.

Sabia que São Paulo podia ser representado nessa casa por algumas pessoas com altas qualidades de caráter e virtude que eu não possuía, e que representariam São Paulo a altura de suas tradições. Circunstâncias tais fizeram com que fosse este modesto orador que vos fala, o único na ocasião que poderia vencer as esperanças das forças comunistas.

Fui para a luta como um dever de consciência. O povo correspondeu enviando-me para esta Casa com um milhão de votos. Pergunto eu à consciência cristã de minha terra e aos meus ilustres pares, como posso receber no Congresso o titer Jugoslavo, verdugo de milhares de cristãos e verdugo implacável do Santo Cardeal Stepinac?

Poucos chefes de Estado receberam ao longo da história a dura pena de excomunhão da Igreja. Lembro ao Senado que o grande Pontífice da Paz, Pio XII lançou sobre o verduro e apostata Marechal Tito a pesada pena da excomunhão, pelos atentados e bárbaros crimes cometidos contra a Igreja. E' ele, saia a Nação, assassinou de milhares de cristãos e dezenas de sacerdotes, foi ele quem oprimiu a Igreja Jugoslava, foi ele quem cortou as franquias democráticas e esmagou a democracia na pobre nação Jugoslava. Como poderei ajudar, honrar o assassino de tantos cristãos e o encarcerador do Cardeal Stepinac? Como poderei participar da humilhação a que serão sujeitos os Jugoslavos que fugirão à morte e ao cárcere, tudo deixaram, Pátria, lar e bens, e apoiaram nesta terra para viverem como homens livres, crentes que vão e vale a pena sofrerem e terem sofrido pela liberdade e pela democracia? Não comparecer, Senhores Senadores, minhas mãos não ajudarão a colocar sobre a cabeça de um opressor e inimigo da Igreja, uma coroa de honrarias.

Nesse dia celebrarei em São Paulo, uma missa pela paz do mundo e por todos os mártires que Tito abateu pelo crime de terem fé e amarem a liberdade.

Sr. Presidente e nobres Srs. Senadores, a Igreja de Deus, neste tempo da Quaresma, convida-nos, pelas palavras dos evangelistas e do apóstolo São Paulo, a meditarmos sobre a verdade e a humildade para merecermos a alegria da Páscoa. Num desses domingos, ela ofereceu a nossa meditação aquele trecho do Evangelho que nos conta que o Mestre Divino, ao iniciar sua vida pública, retirou-se para o deserto onde orou e jejuou durante quarenta dias. Passava a quaresma. Ele teve fome. Apareceu-lhe então o demônio para tentá-lo, dizendo-lhe: "Se Tu és o Filho de Deus, transforma estas pedras em pão". E Cristo respondeu: "Não é só de pão que vive o homem, mas de toda palavra que vem da boca de Deus".

Não contente, o demônio tomou-o e levou-o até Jerusalém, ao pináculo do Templo e novamente tentando-o, disse-lhe: "Atira-Te daqui para baixo porque estava escrito que os Anjos de Deus Te ampararão em suas mãos e impedirão que Teus pés se machuquem nas pedras e nos basiliscos". E Ele ordenou ao demônio que não o tentasse: "Não tentarás ao Senhor, Teu Deus".

Finalmente, o demônio conduzindo-o ao alto da montanha mostrou-lhe o Universo, com as suas glórias e riquezas, e disse que tudo daria a Ele, se Ele, prostrado o adorasse. Expulsando o Demônio, disse o Senhor: Afastate de mim Satanaz, porque está escrito: — só a Deus adorará e servirá.

Desceram, então os anjos do céu e O alimentaram.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, Pssui esta imensa Nação, ao lado de sua tão bela e heroica história, um povo paciente, humilde, generoso e pacífico como nenhum outro do mundo. São sustentáculo dessas virtudes a religião e a fé cristã de seus maiores. Tem sido a religião o grande fator de fortalecimento do povo, as suas horas de sofrimentos e angústias e o constante de sua esperança num dia melhor para a Pátria. Mas é necessário confessar que a extensão do território, as dificuldades advindas da própria diversidade das regiões geo-econômicas da Nação, a falta de previdência e de providências e de graves desastres e alguns criminosos de governos passados, torna-se difícil, árdua a tarefa de governar o Brasil.

Dai a importância da cooperação geral.

Somos uma Nação subdesenvolvida em certas áreas, onde o povo, por isso mesmo, mais sofre e mais precisa e precisa de tudo: saúde, educação, escola, trabalho e até de pão!

Que não falte nunca o pão principalmente na mesa do pobre. O caminho mais curto para a desordem e para a morte das nações é a fome. Mas não nos esqueçamos que não é só de pão que vive o homem. Não nos esqueçamos que a crise do mundo mais aguda é a crise moral, que é também a grande crise da Nação. Vão ser todo o esforço de uma superprodução quando se esvaíam as virtudes de Deus. Nada mais temerário do mundo do que essa tentativa de assassinar a Deus. E é isto o que está pretendendo o comunismo. Translacionaram-se em pó, como a estatua de Daniel, todas as riquezas, todos os esforços e todas as armas e todos os desenvolvimentos europeus na última guerra, lançado no fogo, no fogo e na vitória dos povos libertados.

Dai o título de um romance, a retratar os pecados dos homens e a Pátria — "Deus nasceu no exílio".

O que não é possível é o que desejam aqueles que, imitam o comunismo, exigindo que os governantes façam milagres, transformem as pedras em pão.

O Governador Carlos Lacerda atendeu de assumir o Governo da Guanabara e todos sabemos qual é a situação. Graves erros foram cometidos, na própria estruturação do Estado; foram sacrificadas as instituições fundamentais para uma cidade que tem três milhões de habitantes, pelo

dade e a humildade para merecermos a alegria da Páscoa. Num desses domingos, ela ofereceu a nossa meditação aquele trecho do Evangelho que nos conta que o Mestre Divino, ao iniciar sua vida pública, retirou-se para o deserto onde orou e jejuou durante quarenta dias. Passava a quaresma. Ele teve fome. Apareceu-lhe então o demônio para tentá-lo, dizendo-lhe: "Se Tu és o Filho de Deus, transforma estas pedras em pão". E Cristo respondeu: "Não é só de pão que vive o homem, mas de toda palavra que vem da boca de Deus".

Não contente, o demônio tomou-o e levou-o até Jerusalém, ao pináculo do Templo e novamente tentando-o, disse-lhe: "Atira-Te daqui para baixo porque estava escrito que os Anjos de Deus Te ampararão em suas mãos e impedirão que Teus pés se machuquem nas pedras e nos basiliscos". E Ele ordenou ao demônio que não o tentasse: "Não tentarás ao Senhor, Teu Deus".

Finalmente, o demônio conduzindo-o ao alto da montanha mostrou-lhe o Universo, com as suas glórias e riquezas, e disse que tudo daria a Ele, se Ele, prostrado o adorasse. Expulsando o Demônio, disse o Senhor: Afastate de mim Satanaz, porque está escrito: — só a Deus adorará e servirá.

Desceram, então os anjos do céu e O alimentaram.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, Pssui esta imensa Nação, ao lado de sua tão bela e heroica história, um povo paciente, humilde, generoso e pacífico como nenhum outro do mundo. São sustentáculo dessas virtudes a religião e a fé cristã de seus maiores. Tem sido a religião o grande fator de fortalecimento do povo, as suas horas de sofrimentos e angústias e o constante de sua esperança num dia melhor para a Pátria. Mas é necessário confessar que a extensão do território, as dificuldades advindas da própria diversidade das regiões geo-econômicas da Nação, a falta de previdência e de providências e de graves desastres e alguns criminosos de governos passados, torna-se difícil, árdua a tarefa de governar o Brasil.

Dai a importância da cooperação geral.

Somos uma Nação subdesenvolvida em certas áreas, onde o povo, por isso mesmo, mais sofre e mais precisa e precisa de tudo: saúde, educação, escola, trabalho e até de pão!

Que não falte nunca o pão principalmente na mesa do pobre. O caminho mais curto para a desordem e para a morte das nações é a fome. Mas não nos esqueçamos que não é só de pão que vive o homem. Não nos esqueçamos que a crise do mundo mais aguda é a crise moral, que é também a grande crise da Nação. Vão ser todo o esforço de uma superprodução quando se esvaíam as virtudes de Deus. Nada mais temerário do mundo do que essa tentativa de assassinar a Deus. E é isto o que está pretendendo o comunismo. Translacionaram-se em pó, como a estatua de Daniel, todas as riquezas, todos os esforços e todas as armas e todos os desenvolvimentos europeus na última guerra, lançado no fogo, no fogo e na vitória dos povos libertados.

Dai o título de um romance, a retratar os pecados dos homens e a Pátria — "Deus nasceu no exílio".

O que não é possível é o que desejam aqueles que, imitam o comunismo, exigindo que os governantes façam milagres, transformem as pedras em pão.

O Governador Carlos Lacerda atendeu de assumir o Governo da Guanabara e todos sabemos qual é a situação. Graves erros foram cometidos, na própria estruturação do Estado; foram sacrificadas as instituições fundamentais para uma cidade que tem três milhões de habitantes, pelo

Julgamento político de juiz do Tribunal da Nação. E, agora, porque arreventa a adutora, ou se enche de água a adutora, S. Ex.^a passa a ser responsável por não haver água...

Não são responsáveis aqueles que lá estiveram antes e não deram água, que não previram e nem proveram? Mas exigem o milagre os imitadores do Diabo, transforme as pedras em pão.

Mas o que o povo precisa, todos precisamos — digamos com humildade, é como diz o apóstolo São Paulo, é ressuscitarmos todos os dias para a verdade e para a justiça.

Só a verdade nos libertará, diz o evangelista São João. Verdade para todos, para os que governam e para os que são governados, para os grandes e para os pequenos, pois só a verdade é o pão que alimenta e fortifica as almas.

Não nos influemos de orgulho, não subamos inconscientemente ao pináculo, nem de lá, nos atreemos, porque em vão esperamos os anjos que nos defendam das pedras e basiliscos! Já contemplamos tão orgulho abatido e por causa dele, tanta Pátria arrasada. Nem tentemos a Deus a dobrar seus joelhos divinos, para que se prostre diante daqueles que massacraram os seus filhos.

Lembrem-se que quando Paulo na estrada de Damasco, cego pela Luz Divina, quando pediu cartas a Sinagoga de Jerusalém para a Sinagoga de Damasco, para trazê-lo acorrentado, em cadeias, todos aqueles que professassem o nome do Senhor. A Luz do Céu o abateu em plena estrada de Damasco, e uma voz lhe disse: "Saúdo, Saulo! Por que me persegues?" E ele pergunta: "Mas, quem eu persigo?" — "Eu Sou a Cristo a quem persegui nos meus irmãos".

São esses irmãos que estão no Brasil, que deixaram Pátria, família; viram arrasadas as suas fortunas, e vieram procurar um pedaço de chão onde tivessem liberdade e onde pudessem amar livremente a Deus. Impõe-se a todos nós, defendermos a liberdade na América para garanti-la para o mundo.

Sr. Presidente, o mundo precisa de Paz. Mas uma Paz autêntica, fundada no trabalho, na Justiça, no respeito do homem pelo homem. Mas o mundo cristão e democrático não pode humilhar-se diante do histerismo político de ditadores a ameaçarem as Pátrias democráticas e o mundo inteiro.

Impõe-se uma auto-defesa. As grandes esperanças da Europa estão postas no mundo americano, na sua força Democrática. A América já disso deu provas, gastando fortunas e vindo matar os seus próprios filhos para que não se apagasse no mundo a luz da liberdade.

Há pois um dever de consciência e uma responsabilidade para cada um de nós de estar em guarda. Mas, a Pátria pede um pouco mais, está pedindo coragem. Coragem, Senhores Senadores, de proclamarmos a verdade

de diante de todos, fira a quem ferir, desgoste a este ou aquele grupo subvencionado pela Rússia, para envenenar o Brasil. Que a juventude estudantil do País, entenda realmente o papel que lhe cabe nesta hora.

Sr. Presidente, tenho confiança e espero no Brasil e no Governo do Presidente Jânio Quadros.

Vejo com que firmeza, com que dignidade e patriotismo, com que respeito e dedicação, com que sacrifícios o Presidente Jânio Quadros está procurando governar o País. Sei quanto ele e sua família são escrupulosos no trato da coisa pública.

Há dias, dizia-me sua virtuosa esposa: "Padre, tenho uma única filha. Mas, fico preocupada pelo fato de ter que vir algumas vezes por mês a São Paulo para visitá-la, temerosa de que com isso escandalize ou provoque críticas contra o governo".

E eu lhe respondi: "Não tema. É um direito que lhe assiste, o direito de mãe. A senhora não vem passear, vem para ver sua única filha". A senhora é a esposa do Presidente da República. E não é possível que o povo negue à esposa de presidente esse direito sagrado. Não o teria para passear, para o simples prazer de viajar. Faça-o tranquilamente. Não se preocupe".

Conto este fato para mostrar os escrupulos do Presidente e de sua família.

Tenho convicção que o Presidente Jânio Quadros saberá fortalecer a política continental americana.

Confio e tenho certeza que o Presidente repetirá no Brasil o que fez por São Paulo. Não faltará na mesa do povo e nem dos humildes o pão material. Mas a Nação e o povo receberão também com abundância o pão do espírito. Tenho certeza de que o lume da verdade não se apagará na imensa casa do Brasil.

Por tudo isso, dirijo um apelo ao ilustre Sr. Presidente, em nome da consciência cristã do Brasil em nome da tranquilidade, da minha terra. O povo brasileiro de modo singular confiou ao grande Presidente Jânio Quadros o depósito sagrado de sua fé e de suas tradições mais ricas e mais caras, constituindo dispensário de sua felicidade, porque o sabe e o tem como um amante apaixonado da Paz e da Democracia.

Estas eram as palavras que eu tinha a dizer Sr. Presidente e nobres Srs. Senadores. (Muito bem! Muito bem. Palmas Prolongadas. O orador é vivamente cumprimentado).

SECRETARIA DO SENADO FEDERAL

PORTARIA Nº 6, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve desligar, a pedido, Nerio de Nunes Cardoso, Redator, PL-2,

das funções de Secretário Particular do Líder da Maioria, determinando, outrossim, sejam consignados nos assentamentos do mesmo servidor o elogio constante do citado ofício, enaltecendo a excelente colaboração prestada durante o tempo em que, com inteligência, lealdade e dedicação inescedíveis, as exerceu.

Secretaria do Senado Federal, 2 de fevereiro de 1961. — Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 7, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve desligar, a pedido, José Benício Tavares da Cunha Mello, Redator, PL-3, das funções de Oficial de Gabinete do Líder da Maioria, determinando, outrossim, sejam consignados nos assentamentos do mesmo servidor o elogio constante do citado ofício, enaltecendo a excelente colaboração prestada durante o tempo em que, com inteligência, lealdade e dedicação inescedíveis, as exerceu.

Secretaria do Senado Federal, 2 de fevereiro de 1961. — Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 8, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve desligar, a pedido, Isnard Sarres de Albuquerque Mello, Oficial Legislativo PL-4, das funções de Auxiliar de Gabinete do Líder da Maioria, determinando, outrossim, sejam consignados nos assentamentos da mesma servidora o elogio constante do citado ofício, enaltecendo a excelente colaboração prestada durante o tempo em que, com inteligência, lealdade e dedicação inescedíveis, as exerceu.

Secretaria do Senado Federal, 2 de fevereiro de 1961. — Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 9, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve desligar, a pedido, Diva Galletti, Oficial Legislativo PL-7, das funções de Auxiliar de Gabinete do Líder da Maioria, determinando, outrossim, sejam consignados nos assentamentos da mesma servidora o elogio constante do citado ofício, enaltecendo a excelente colaboração prestada durante o tempo em que, com inteligência, lealdade e dedicação inescedíveis, as exerceu.

Secretaria do Senado Federal, 2 de fevereiro de 1961. — Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 10, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o

ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve desligar, a pedido, Helle Carvalho da Silva, Auxiliar Legislativo, PL-9, das funções de Secretário Particular do Líder da Maioria determinando, outrossim, sejam consignados nos assentamentos do mesmo servidor o elogio constante do citado ofício, enaltecendo a excelente colaboração prestada durante o tempo em que, com inteligência, lealdade e dedicação inescedíveis, as exerceu.

Secretaria do Senado Federal, em 2 de fevereiro de 1961.

Senador Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 11, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve mandar consignar nos assentamentos de Roberto Diacópulos, Ajudante de Almoxarife, PL-7, o elogio constante do citado ofício, enaltecendo os relevantes e desinteressados serviços prestados àquela Liderança.

Portaria do Senado Federal, em 2 de fevereiro de 1961.

Senador Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 12, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve mandar consignar nos assentamentos de Rubens Ribeiro, Guarda de Segurança, PL-9, o elogio constante do citado ofício, enaltecendo os excelentes serviços prestados àquela Liderança.

Secretaria do Senado Federal, em 3 de fevereiro de 1961.

Senador Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 13, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições e tendo em vista o ofício desta data, do Líder da Maioria, resolve mandar consignar nos assentamentos de Orlando Oliveira, Auxiliar de Limpeza, PL-11, o elogio constante do citado ofício, enaltecendo os excelentes serviços prestados àquela Liderança.

Secretaria do Senado Federal, em 3 de fevereiro de 1961.

Senador Cunha Mello, 1º Secretário.

PORTARIA Nº 5, DE 1961

O Primeiro Secretário, no uso de suas atribuições,

Resolve desligar Ercília Cruz da Fonseca, Oficial Legislativo, PL-7, das funções de Secretário do Líder do Partido Republicano.

Secretaria do Senado Federal, em 7 de março de 1961.

Senador Cunha Mello, 1º Secretário.